

## PREÂMBULO

### GERAÇÕES E MEMÓRIA

Fala-se sempre em ruptura de gerações, como se um hiato, um fosso separassem os segmentos etários sociais - velhos e jovens. Somos, no entanto, uma teia, a que se agregam novos fios, rompem-se, reparam-se outros. Eis aí a memória.

Maurice Halbwachs, conhecido e referenciado sociólogo inglês, afirma: “As diferenças ou semelhanças entre as gerações que se repelem, se afastam uma da outra, logo se juntam e se confundem” (In “A memória coletiva”). Segundo ainda Halbwachs, a memória individual ou refração do passado, com suas representações, impressões e mesmo dominações inculcadas pelo meio, está amarrada à memória grupal (memória coletiva de cada sociedade) que é a esfera maior da tradição. “Lembrança é a sobrevivência da memória coletiva” enfatiza o emérito pensador.

Conceito assaz similar ao do linguista Tzvetan Todorov. Segundo ele, a geração presente pelas suas narrativas e memórias atemporais, torna-se um elo que “se repete ou anuncia instantes passados e futuros” (“As estruturas narrativas”, S. Paulo, Ed. Perspectiva, 1970, pág. 22).

Queiramos ou não, somos alimentados pelas seivas do passado e, em parte, do presente, porquanto vivemos e nos circunciamos no tempo, com suas experiências, efeitos, consequências, lembranças, rituais. As reminiscências (“anamnesis” dos gregos) são uma espécie de iniciação, um cerimonial no qual mistérios nos são revelados, pontes nos são lançadas para o mítico trânsito entre mundos (passado/presente). Através das reminiscências é que o ritmo da travessia, o rio da vida se pereniza(m), revestidos dos mitos, ritos do “tempo de antes”, rumo ao tempo “depois”.

Lembranças, geralmente, estão ligadas à memória do trabalho. Vida épica, sacrificial de nossos antepassados e contemporâneos, fundada no trabalho familiar e profissional. Para Henry Bergson, há dois tipos de lembranças: a) **memória hábito**, que são os movimentos sociais e mecânicos como escrever, comer (segundo as regras de etiqueta), costurar, digitar etc. e que constituem o nosso adestramento cultural; b) **imagem lembrança** – o caráter evocativo da vida, aparecendo via memória, trazido à tona da consciência, num momento singular, único, não repetido, irreversível. Vem das zonas profundas do psiquismo, do inconsciente, do mesmo mundo dos sonhos e da poesia, numa relação de convivência/articulação entre passado e presente, uma confluência, em síntese, entre memória e percepção.

A memória é, em suma, uma força espiritual prévia, evocativa, a que se opõe a substância material, como limite e obstáculo.

## AO PÉ DA FOGUEIRA

### A NOIVA

Residiam em pequena, aprazível cidade da região. Ele, bancário; ela, auxiliar de serviços em um escritório comercial. Namoro firme, já de algum tempo, o que incomodava alguns familiares e também a desocupados. Inquiriam: quando sairá o casório?! O que vocês mais estão esperando?! Estamos ansiosos pelos doces...

Ante tantos metedidos, chatos e coscuvilheiros, acabam formalizando o noivado, de forma discreta, praticamente a dois.

Possuía ele casa própria – na verdade, financiada - já em ponto de acabamento, nos arremates. Prestações inteiramente em dia. Resolvem tomar algumas decisões. Ou melhor, iniciativas mais dele do que dela. A primeira: a compra de móveis para toda a casa. Combinam (e realizam) uma viagem a Divinópolis, onde percorrem várias lojas do ramo, analisam modelos e estilos disponíveis, colhem orçamentos contendo preços, condições de pagamento, até descontos promocionais. Ah, o sonho de ver a casa montada!

A moça pouca motivada. Quase uma autômata a acompanhar o noivo em peregrinação por inúmeras lojas, show rooms e mesmo depósitos de móveis. Cansava-a ouvir tantas explicações dos vendedores, alguns realmente pouco persuasivos. Tinha também uma inexplicável aversão por andanças, “ficar tirando reis”, loja a loja, geralmente cheias de fregueses, empurra-empurra, aquela parafernália de televisores ligados, vózeiros de vendedores, compradores, curiosos...

Em uma das muitas casas comerciais, porém, um diferencial. A jovem atendente, expansiva, extrovertida, aparência muito bem cuidada, voz melíflua, gestual bem articulado, o uniforme de vendedora em talhe impecável, atende – e bem – o casal. Visual atraente, singular, a morena mignon, de traços leves, gestos serenos, delicados, demonstra, ademais, conhecer o assunto: informa-se primeiramente do número e o tamanho dos ambientes da casa a serem mobiliados, cores das paredes, apresenta os mais diversos modelos de mobiliário de quarto, copa, cozinha, sala de estar, faz simulações de conjuntos, procede a sugestões de acessórios (pufes, estofados, escrivaninhas, até abajures...); informa-se se já tinham adquirido eletrodomésticos; elabora projeções de preços, inclusive os promocionais, condições de pagamento, esclarece dúvidas. Ao final, faz entrega de seu cartão de vendedora, bem como de prospectos, folders dos móveis em exposição e disponíveis para entrega imediata. Um atendimento profissional, refinado, o que encanta o casal, em particular o noivo, atraído pelo perfil da peculiar atendente. Não passara, despercebido, ao bancário o brilho intenso que a jovem tinha no olhar, a íris castanha, a transmitir afetividade, vitalidade, um quê de sedução, mistérios, o apelo de estranhos caminhos...

Decidem os noivos, de comum acordo, analisar melhor, em conjunto, com tempo, as várias opções. Esclarecem que retornariam dali a dias. Na visita seguinte, alegando problema de saúde, um mal estar de última hora, a noiva desiste; delega ao noivo a palavra final na escolha dos móveis. O que foi feito.

Dali a tempos, marcante festa de casamento atrai a atenção geral em um dos mais populosos bairros de Divinópolis. Carros que chegam. Igreja lindamente ornamentada, repleta de familiares, convidados, amigos e colegas de trabalho. O sol da manhã brilhante, jubiloso, perfumada brisa a alisar alamedas em volta. Um evento social dos mais magníficos. Encerrada a solene cerimônia, à saída do templo, os cumprimentos aos radiantes recém-casados: o bancário e...e...a bela, meiga vendedora de móveis!!!



# ADIVINHAS

- 1- Qual é o esporte favorito dos cientistas?
- 2- O que é o que é, sempre sobe e nunca desce?
- 3- Você sabe o que uma formiga disse para a outra?
- 4- Qual é a semelhança entre o prego e o teimoso?

Respostas: 1- Fórmula 1; 2- A idade; 3- Meus pés estão formigando; 4- Ambos têm a cabeça dura

## Provérbios e A dágios

- Por pior que seja o palhaço  
Sempre terá quem bata palmas
- Onde tem onça, macaco não ronca
- Diz o povo com razão/com água e fogo não se brinca/somados ao coração/dos diabos eis a trinca
- Perda e ganho não escolhem tamanho (Provérbio russo)

### Para refletir:

- Ouve-me, ouve o meu silêncio. O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa. Capta essa outra coisa de que, na verdade, falo, porque eu mesma não posso. (Clarice Lispector)
- Não são as circunstâncias que nos fazem felizes, mas a nossa maneira de olhar essas circunstâncias. (Epiteto, filósofo grego)
- Faça todo o bem que puder; com todos os recursos que você puder; em todos os lugares que você puder; em todos os tempos que você puder; para todas as pessoas que você puder; sempre e quando você puder. (John Wesley, teólogo inglês – 1703-1791)
- Não basta leitura sem unção; não basta especulação sem devoção; não basta pesquisa sem maravilhar-se; não basta a circunspecção sem o júbilo; o trabalho sem a piedade; a ciência sem a caridade; a inteligência sem a humildade; o estudo sem a graça. (São Boaventura – 1211-1274)

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Patricia Dayany Carvalho

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (horário comercial)

Falar com Patrícia Dayany Carvalho

## NOTAS

### DENOMINAÇÃO DE LOGRADOUROS PÚBLICOS - MUITOS AINDA NA EXPECTATIVA DE SEREM HOMENAGEADOS

• Ilustres personalidades da história são-tiaguense, que prestaram inestimáveis serviços à coletividade, continuam aguardando serem lembrados pela Municipalidade, em especial a Câmara Municipal, para a titulação ou patronato de logradouros públicos. Nomes que já foram lembrados, mencionados, sugeridos em oportunidades anteriores, mas parece que os interesses e as prioridades são outros. Na visão de muitos, história não rende votos! De qualquer forma, permitimo-nos registrar casos gritantes:

I - Dr. Júlio Ferreira de Carvalho (1894-1962), promotor público, advogado geral do Estado, presidente da OAB-MG, deputado, editor, professor universitário, chegando a interventor (governador) de nosso Estado em 1946. Nenhuma homenagem de sua terra natal.

Por oportuno: A Rua Pe. Júlio de Carvalho, no bairro do Cruzeiro, está, decerto, com denominação incorreta, equivocada, pois o nome correto é/seria Rua Pe. Júlio José Ferreira, que foi pároco de São Tiago, entre 1868 a 1901. Desconhece-se, até então, a existência de Pe. Júlio de Carvalho.

II - Maria dos Anjos de Melo Faria (enfermeira prática que, ao lado de D<sup>a</sup> Nanhá Gabeth, muito fizeram pela população são-tiaguense, em especial durante a “Gripe Espanhola” (1917/1918). Passou à história como “o anjo do povo”, tendo ela própria sendo vítima fatal da própria doença.

III - Patrício Lopes de Souza – são-tiaguense que desbravou o Noroeste paulista e áreas do Mato Grosso do Sul, em inícios do séc. XIX, chegando a reivindicar a posse de 207 mil alqueires de terra.

IV. Dep. José Aldo dos Santos

V. Maria José dos Reis (Nanhá Gabeth)

VI. José Geraldo da Silva (Zé Sales)

VII. João Coelho da Silveira

VIII. Prof<sup>a</sup> Rosália Alice de Carvalho

IX. Ex-combatentes – Francisco de Paula Rezende / Francisco Palumbo Filho

E tantos outros ilustres são-tiaguenses de berço e de coração!

### “FICAR PARA TITIA”

Expressão familiar-popular com referência à mulher madura ou velha que não se casou; solteirona; encalhada.

Encontram-se ainda outras curiosas denominações/expressões para a condição da mulher solteirona:

“Ficar vitalina” – referência a Santa Vitalina que, segundo a tradição, teria retardado sua entrada no céu pela facilidade de lavar o rosto numa Sexta-Feira da Paixão.

“Ficar caritó” – caritó é uma espécie de prateleira de casas pobres, onde se colocam objetos de baixo valor.

“Ficar para pentear Santa Catarina”

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



## CALDOS E MINGAUS

O cardápio e o repasto de nossos antepassados, ao lado dos ágapes convencionais (café da manhã, almoço, jantar, ceia), eram pródigos em caldos, mingaus, papas, sopas e assemelhados. A canjica noturna era uma fortíssima tradição mineira, celebrada nas casas e com o envolvimento de toda a família, amigos, vizinhos, viajantes. Preparada por cozinheiras, em especial em regiões de garimpo, em tempos de ajustamentos e dificuldades econômicas, servia a canjica para reforço da renda familiar. Gilberto de Alencar em seu romance “Misael e Maria Rita” (apud Eduardo Frieiro), cujo enredo se passa entre o final do séc. XIX e inícios do séc. XX, escreve suas impressões: “Outro expediente para aumentar a pífia receita doméstica consistia em aliciar amigos e conhecidos para a tradicional canjica noturna temperada com leite, rapadura e amendoim, comumente servida entre as oito e as nove e cobrada a duzentos réis cada prato fundo”.

O aproveitamento do milho e mandioca era um dos grandes segredos das donas de casa na confecção de iguarias. Do milho faziam-se pipocas, curau, pamonhas, farinha, cuscuz, biscoitos, xerém, quirera, paçoca, alcomonias, bolos, catimpuera, aluá (cerveja de milho verde), canjica etc. e ainda hoje um ingrediente fundamental da culinária pátria.

### Alguns tipos de caldo e mingaus:

**Bambá** - caldo de couve com carne moída

**Buré** (boré) - mingau de milho verde

**Caribé** - mingau de farinha seca, muito fina

**Gaspacho** - sopa de pão com vários temperos: azeite, alho, cebola, picles, etc.

**Gorupema** - canjica grossa de milho branco

**Mojica** - preparado de caldo de peixe, engrossado com piracuí (farinha de peixe); mingau bem cozido feito em fogo lento

**Munguzá** (ou canjica ou jimbelê) - papa de milho verde, ralado, a qual se juntam açúcar, canela, leite de coco; sopa de milho branco quebrado, a qual se adicionam açúcar, leite, canela, etc.

**Pirão** - papa grossa de farinha de mandioca; escaldado

**Quiçamã** - mingau de polvilho

**Xiró** - caldo de arroz temperado com sal; canja

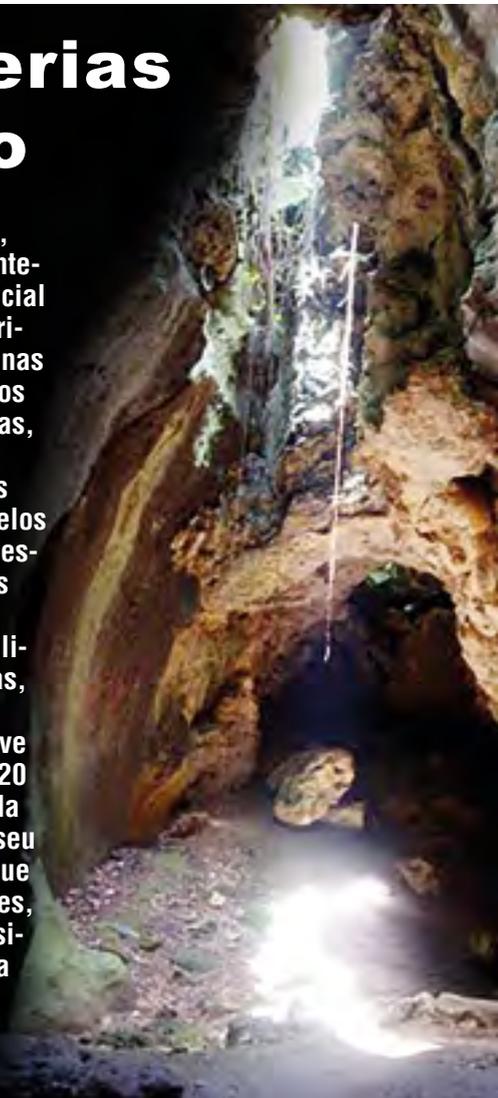


## Estudo de Cavernas e Galerias da Época da Mineração

Sabe-se, à larga, que, no período colonial e imperial, vastas áreas de nosso Estado, em particular a nossa região, tiveram a mineração como grande vetor econômico. Centenas de minas de ouro, muitas exploradas à exaustão, abasteceram a economia provincial e portuguesa, a partir de aventureiros e mineradores que, com sua saga e avidez por riquezas, contribuíram, sobremaneira, para o povoamento dos inóspitos sertões das Minas Gerais. Esgotado o ouro de aluvião, retirado facilmente de rios, encostas e córregos, os bandeirantes passaram a prospectar e cavar os sopés das montanhas, abrindo cavernas, betas, túneis, galerias no seio da terra rochosa.

Com o esgotamento do ouro, dezenas de minas e jazidas viram-se desativadas; suas entradas fechadas, ao longo dos anos, seja pela vegetação cerrada ou, até mesmo, pelos antigos proprietários, de forma a impedir o acesso de estranhos aos seus tesouros. Mesmo após a Proclamação da República, muitas cavernas foram abertas por investidores estrangeiros, sobretudo alemães, inclusive em nossas adjacências (Morro do Ferro).

Recentemente, pesquisadores – geólogos, espeleólogos – com o apoio de municipalidades, vêm estudando os locais das antigas minas e jazidas, no sentido de localizá-las, catalogá-las e transformá-las em pontos turísticos. No município de Onça do Pitangui (Centro-Oeste mineiro), segundo noticiário da imprensa, várias dessas minas, inclusive com galerias superpostas, foram encontradas e recuperadas, algumas com mais de 120 m de comprimento. Em São Tiago, fala-se e conhece-se, há décadas, as “cavernas” da Fazenda das Gamelas, fruto – segundo se diz – de explorações de ouro, à época, por seu célebre proprietário, o Padre José Manoel da Rosa Ribeiro (1740-1826). É provável que haja outras similares em nossa região. Já sugerimos, em vão, em várias oportunidades, sejam pesquisadas tais “entradas” e cavernas, não só para fins históricos, mas inclusive – e principalmente – turísticos. Iniciativa(s) que, a nosso ver, caberiam à Prefeitura Municipal. Mas, é bom mudarmos de assunto...



# SÃO TIAGO DE COMPOSTELA

De acordo com consolidada e multissecular tradição local – lá se vão 300 anos – nossa cidade deve sua fundação e denominação a bandeirantes ou faiscadores espanhóis que, no ano de 1708, à cata de ouro, após “subirem”, costearem o Rio das Mortes – e dele ao seu afluente Rio do Peixe – chegaram aos locais “Vargem Alegre” e “Gamelas”. Aí foram inicialmente bem sucedidos e, em cumprimento à promessa de que, caso encontrassem ouro, ergueram uma orada (capela) em honra a São Tiago Maior, orago e padroeiro de sua terra natal - Espanha.

Lançava-se assim, em pleno e então agreste coração da América Portuguesa, um núcleo de devoção a São Tiago de Compostela – o inabalável apóstolo, evangelizador, cavaleiro, guerreiro de Espanha na milenária luta contra os mouros invasores e de que fomos – e somos, com todo orgulho e fé– recipiendários, devotos, arautos.

De onde vem a quão antiga tradição espanhola de culto a São Tiago Maior? De onde os primeiros moradores de nosso meio extrairam a devoção ao “Senhor” São Tiago de Compostela?!

Santiago de Compostela, uma antiga povoação celta, na região da Galícia, mais tarde ocupada pelos romanos, se desenvolvera em torno de um mausoléu. No bosque Libredón, diocese de Iria Flávia, no dia 24 de Junho de 813, foi descoberto, por um monge de nome Pelayo, uma arca de mármore com os restos mortais de um homem e que, segundo o bispo Teodomiro, pertenceriam a São Tiago, o Filho do Trovão e que, por mar, chegaram até as terras galegas. O local tornou-se, desde então, um grande centro de peregrinação e ainda hoje, um dos maiores ícones da Cristandade..

Foi o Rei D. Afonso II, o Casto, quem ordenou a construção de uma capela para alojar a arca de mármore, mais tarde substituída por uma primitiva basílica. Em 1075, foi iniciada a construção de uma catedral em estilo românico, terminada em 1211 como o maior templo da Península Ibérica e o mais importante monumento de arte espanhola da Idade Média.

Em 1221, o Papa Calisto criou o Ano Santo Compostelano, iniciando a celebração do ano Iacobeo (Ano Santo) cada vez que o dia 25 de Julho caísse em um domingo, o que ocorre a cada 11 anos. Os devotos

## O CULTO A SÃO TIAGO MAIOR

Segundo a tradição cristã, São Tiago, após a morte do Senhor, evangelizou parte da Espanha, em especial a Galícia, num período de cinco a seis anos, ali obtendo pouco sucesso, período em que ganhou apenas nove discípulos. Relata ainda a tradição que recebera ele em Saragoça a aparição de Nossa Senhora do Pilar. Deixando dois dos discípulos na Espanha (S. Atanásio e S. Teodoro), retornou à Judeia, em companhia dos outros sete, sendo preso e decapitado no ano 44 d.C.

A tradição da presença de São Tiago em terras de Espanha surge com força por volta dos séculos VII e VIII e já no século IX, aparecem os primeiros textos que falam da trasladação do corpo do Apóstolo, a localização de seu sepulcro e dos seus fiéis discípulos. O encontro teria ocorrido, quando, no ano 813, um eremita de nome Pelayo, observou uma estrela de brilho intenso, senão sobrenatural, planando sobre determinado local. Iniciadas as escavações, teria sido descoberto intacto o corpo do apóstolo, ficando o lugar conhecido como “Campus Stellae” (Campo das Estrelas), hoje Compostela.

Surge daí o culto ibérico ao Apóstolo Peregrino que, com rudes sandálias, cajado à mão, chapéu, cabaça, passara a propalar milagres e fortalecer a fé. Durante a invasão árabe, viria a unir todos os cristãos

que cruzam o Portal do Peregrino, ponto final da longa e tão divulgada caminhada até Compostela, cumprem também o ritual de reverenciar o Santo e receberem um diploma tradicional. As festas especiais em Compostela prosseguem até o dia 31 de Julho.

São Tiago foi o primeiro apóstolo a receber a coroa do martírio, do holocausto – portanto o protomártir dos apóstolos – sendo decapitado em 44 d.C, por ordem de Herodes Antipa. A tradição mostra-o como evangelizador de Espanha, ainda em vida, logo após a morte de Cristo e seguindo as determinações do Senhor (“Ide e ensinai a todos os povos”), teria disseminado a Boa Nova por regiões da Península Ibérica. Durante as longas guerras de Reconquista contra os invasores árabes, entre os séculos VIII a XV, foi o Apóstolo Tiago o grande defensor, unificador e propulsor da fé cristã na Espanha, participando, inclusive, segundo a tradição medieval de épicas e decisivas batalhas, dentre elas de Clavijo (834).

Enérgico e combativo, era ele natural de Betsaid, na Galileia; pescador por profissão. Filho de Zebedeu, também pescador, e de Maria Salomé e o irmão mais velho de João, apóstolo e evangelista. Quando da instituição dos doze apóstolos, Jesus acrescentou a Tiago e João o nome “Boanerges” ou seja “Filhos do Trovão”, fixando a natureza impulsiva e vigorosa dos dois irmãos.

Tiago, pelo que se extrai dos Evangelhos, era ao lado de Pedro e João, um discípulo privilegiado, testemunha de fatos extraordinários da missão de Jesus. Assim é visto na eletrizante passagem da Transfiguração (quando Jesus transfigurou-se diante de Elias e Moisés), na ressurreição da filha de Jairo, no Horto, na agonia do Senhor.

Segundo algumas fontes, após seu martírio, teria ele sido sepultado em Jerusalém; outra tradição afirma, porém, que seu corpo, conduzido por discípulos, fora trasladado para a Galícia (Espanha), ali sepultado, permanecendo o local da sepultura esquecido durante séculos (até o ano 813). O apostolado de São Tiago na Espanha, bem como os fatos relacionados ao traslado e sepultamento de seu corpo aí, são tidos por historiadores como de leitura duvidosa, imaginária, por vezes lendária.

contra os infiéis sarracenos, tornando-se conhecido como Santiago Matamoiros, um cavaleiro que surgia nas batalhas, em seu corcel branco, espada relampejante, como na célebre batalha de Clavijo, dispersando e eliminando os hereges.

O culto a São Tiago, sob essa patriótica e religiosa representação, tornou-se motivo de robustecimento da fé, de estímulo ao povo escarnekido, revigorando-lhe as forças, incutindo-lhe coragem nas longas lutas de reconquista pela Espanha das terras dominadas pelos árabes, definitivamente expulsos em 1492. São Tiago, o guerreiro, o reconquistador, o libertador, viria, infelizmente, a ver sua imagem maculada pelos sanguinários conquistadores espanhóis na América, não apenas como um instrumento de divulgação da fé, mas aqui utilizado e transposto sacrilegamente como “Mataíndios” em que aparecia em batalhas, dominando, intimidando e aniquilando indígenas.

Os historiadores relatam o característico e alto grau de fervor, devoção, religiosidade dos espanhóis que, em suas viagens marítimas, arrojando mares, descortinando terras desconhecidas, invocavam sempre o santo padroeiro, defensor e protetor em todos os momentos de tribulações e que lhes injetavam ânimo, conforto, fortaleza, tenacidade.

Quanto aos eventos que marcam e descrevem a presença de São Tiago na Espanha, transcrevemos as linhas seguintes extraídas da internet [http://www.pliniocorreadeoliveira.info/DIS\\_SD\\_670725\\_Sao\\_Tiago\\_texto\\_intitulado\\_Sao\\_Tiago\\_brado\\_de\\_guerra\\_da\\_Espanha](http://www.pliniocorreadeoliveira.info/DIS_SD_670725_Sao_Tiago_texto_intitulado_Sao_Tiago_brado_de_guerra_da_Espanha)

“De Jerusalém, São Tiago seguiu até Sicília e Espanha, detendo-se em Gadiz. Não sendo bem recebido, foi salvo milagrosamente por um anjo, de ser assassinado. Deixou a Espanha entregue a sete discípulos. Voltou mais tarde para Saragoça, onde então, começaram conversões em grande número. Mesmo assim, os perigos eram muitos. Lançaram víboras contra ele, que as segurava tranquilamente nas mãos.

Em Granada, foi preso com todos os discípulos e neófitos. São Tiago implorou o auxílio de Maria, que vivia, então, em Jerusalém. Por meio dos Anjos, foi salvo, e Nossa Senhora ordenou-lhe que fosse pregar na Galícia. Mais tarde, vi São Tiago em grande perigo por causa de uma

perseguição contra os fiéis de Saragoça. Certa noite o Apóstolo rezava com alguns discípulos, junto aos muros da cidade. Pedia luzes para saber se devia ficar na região ou fugir. Pensava em Maria Santíssima e lhe pedia que rogasse por ele a seu Divino Filho, que nada lhe podia negar. De repente, vi descer um resplendor celeste sobre o Apóstolo, aparecendo Anjos que entoavam um canto harmônico enquanto carregavam uma coluna de luz cuja base assinalava um local determinado ao Apóstolo. A coluna era alta e delgada e terminava com um lírio aberto que lançava línguas de fogo em várias direções. Uma delas ia até Compostela.

No resplendor do lírio vi Maria Santíssima, de névea brancura e transparência, de formosura e delicadeza maiores que a seda. Estava de pé, da mesma maneira como costumava rezar. Tinha as mãos juntas e um grande véu na cabeça, que lhe caía até os pés.



Aparición de la Virgen del Pilar a Santiago Apóstol  
Fachada de la Iglesia de Santiago - Sevilla  
Leyenda bajo el retablo: "Madre mía del Pilar, antes morir que pecar" - Antonio Kiernam Flores  
Fábrica: Cerámica Santa Ana - Sevilla, década de 1940



Martírio de Santiago - Zurbarán - 1639

sobre a flor, que resplandecia com seus cinco raios de luz. São Tiago recebeu interiormente o aviso de que deveria erguer ali uma igreja e que a intercessão de Maria devia crescer como uma raiz e expandir-se. Disse-lhe a Virgem que, uma vez concluída a igreja, voltasse para Jerusalém.

Mais tarde, completada a obra, o Apóstolo entregou seu trabalho a 12 discípulos que formara e partiu. E visitou a Santa Virgem em Éfeso. Maria predisse-lhe sua morte próxima, consolando-o e confortando-o muito. Depois São Tiago, despediu-se de Maria e de São João e seguiu para Jerusalém. Aí foi preso e levado ao monte Calvário. No caminho continuou a pregar, convertendo e curando a muitos. Decapitado, tempos depois, seu corpo foi levado para a Espanha. A visão de São Tiago deu origem à devoção a Nossa Senhora do Pilar".

Sem dúvida alguma o que essa ficha encerra, como elementos de beleza e edificação, é muito grande e, por isto, não permite um comentário completo. Uma nota interessante é se ver, na vida dos Apóstolos, dos santos e na vida de Nosso Senhor, como há a hora marcada por Deus para tudo. Fazem toda espécie de coisas para matar os Apóstolos, para danificá-los, e não conseguem absolutamente nada, por disposição de Deus.

Mas depois chega o momento em que Deus tem a intenção de que ele morra. Então, nada o salva. Ele é avisado de que vai morrer e, realmente, é martirizado, e sua vida é oferecida em holocausto. Exatamente como Nosso Senhor, que correu vários riscos de vida, antes de ser preso, mas atravessou os ambientes cheios de inimigos, incólume, sem que ousassem fazer nada contra Ele. Porém, quando chegou o momento dEle ser morto, segundo os desígnios da Providência, Ele mesmo se entregou. E então, todos os milagres operados [antes] para salvar Sua vida, não atuaram mais. A hora dEle tinha chegado.

Aqui, os senhores veem o mesmo com São Tiago: ele passou por toda espécie de riscos e se operaram prodígios para salvar-lhe a vida. Jogavam-lhe cobras e ele pegava nas cobras; tentavam matá-lo por vários modos e todos esses modos resultavam baldos. Entretanto, chegou um determinado momento em que ele recebeu de Nossa Senhora o aviso de que iria morrer. Nossa Senhora o consolou, confortou, e ele morreu. Quer dizer, foi o desígnio da Providência que se cumpriu.

## ÍCONES E ATRIBUTOS

A imagem, o ícone de São Tiago Maior oferece-nos, surpreende-nos com vários símbolos ou atributos – dentre eles a concha, o cajado, o bastão, o chapéu – com suas inúmeras conotações, interpretações religiosas, antropológicas, mesmo místicas.

- A concha bivalve ou vieira, geralmente côncava, identifica os devotos e peregrinos de Compostela; utilizada como utensílio ou adereço nas vestes, mochilas, colar etc. Trata-se (a concha) de um marisco muito comum nas costas e águas da Galícia e ingrediente de qualidade da excelente gastronomia galega, com especialidade em frutos do mar. De acordo com a lenda, o corpo do Apóstolo, perdido no mar e arrastado por volumosas ondas, foi levado a uma praia da Península Ibérica, aí chegando intacto, coberto por conchas de vieira. Na Idade Média, a vieira era empregada como amuleto contra pragas e maldições.

- A Cruz Vermelha de São Tiago, em forma de espada, a ponta no formato de lâmina e foi usada, pela primeira vez, em 1170, pelos "Cavaleiros da Ordem de Santiago". Adorna roupas de confrarias (cavaleiros) e são encontradas hoje na forma de artigos para presentes, chaveiros, abridores de latas, pins, camisetas etc. Recorda ela o Apóstolo Cavaleiro que surgiu magnificente na Batalha de Clavijo, no ano 834, montando cavalo branco, ajaezado, ajudando e conduzindo os combatentes espanhóis a derrotar os mouros durante as guerras de Reconquista.

- O cajado (ou bordão, bastão) – instrumento imprescindível nas des-

cidas dos caminhos íngremes e pedregosos e um expressivo auxiliar na defesa contra ladrões, cães. Confeccionado geralmente com galhos de avelaneira ou castanheira. Na Idade Média, simbolizava a terceira perna e também a terceira Pessoa (Santíssima Trindade).

- O chapéu – desde os antigos gregos e romanos, o chapéu era símbolo de sabedoria, dignidade e liberdade. Além de ser instrumento protetor da cabeça, em especial contra o sol, o chapéu é como um elmo que confirma e protege a sabedoria de seu portador. Na Idade Média, fazia parte da indumentária do peregrino. O chapéu que caracteriza o peregrino de Compostela tem a aba dobrada em meia lua e com uma vieira fixada na aba.

- Escarcela ou bolça – pequena bolsa de couro que se prendia à cintura, servindo para o transporte de moedas, para pagamento das despesas de deslocação do peregrino.

Juntam-se, por vezes, a esses atributos o livro (símbolo dos apóstolos), a palma (símbolo dos mártires).



Batalha de Clavijo, no ano 834

## SANTOS – ENTRE O HUMANO E O ALEGÓRICO

A vida dos santos, o seu itinerário no mundo terreno acham-se repletos de histórias, milagres, martírios, lendas, curiosidades. Homens e mulheres, em todas as épocas e culturas, detentores de personalidades as mais distintas, núncios da Misericórdia e da Palavra de Deus dentre os homens e que nos legaram exemplos de fidelidade, heroísmo, serviço, de entrega sacrificial e total a Deus e de quem devemos ser imitadores, zeladores.

Viveram em tempos e circunstâncias as mais diversas, alguns em períodos recuados, nos primórdios do Cristianismo, a exemplo dos

primeiros apóstolos e mártires da Fé, outros que chegaram e chegam até os nossos dias. São milênios, enfim, de testemunhos e daí o grande número de lendas, enigmas, piedosas narrativas que lhes cercam a nobilitante existência. Assim, São Tiago Maior, sobre quem pairam as mais extraordinárias tradições, feitos notáveis ao longo de sua vida evangelizadora, inclusive sua discutida ação missionária e apostólica na Espanha. Uma das muitas tradições que cerca a sua vida é que ele pregava, acompanhado por um cão ou lobo, que o seguia conrtrita e placidamente. Alguns autores buscam uma explicação histórica e linguística a respeito, porquanto tais animais compunham o conhecimento e tradições de povos formadores da Península Ibérica, como os celtas, bascos.



As Festas de Junho são, há décadas, das mais populares e consagradas, em nosso país, perdendo, talvez, só para o carnaval. De origem europeia, foram trazidas pelos colonizadores portugueses, no bojo das caravelas que, desde o século XVI, atravessaram o Atlântico e suas comemorações envolvem três dos santos mais populares da Igreja Católica: Santo Antônio (13/06), São João Batista (24/06) e São Pedro (29/06). Em Portugal, o ciclo de festejos juninos – ali também conhecidos como joaninos - inclui ainda a festa de São Gonçalo do Amarante, comemorada no 1º fim de semana do mês de Junho. Segundo folcloristas, as festas juninas (ou joaninas) incorporam tradições culturais, não só europeias, mas também orientais, como as bandeirolas, fogos de artifícios.

## QUADRILHA

A quadrilha era muito divulgada e exercitada entre a nobreza, nos amplos salões dos palácios, caindo, posteriormente, no gosto popular. Segundo alguns pesquisadores, a quadrilha tem sua origem em velhas danças rurais da França e da Inglaterra. Para outros, ela seria de origem holandesa, dali chegando a Portugal e posteriormente ao Brasil, aqui introduzida por membros da elite imperial e se consolidando à época da Regência (décadas de 1830/1840). Conta ela com cinco partes, introdução e evolução vibrantes, o que gerara verdadeiro furor no Brasil Imperial, espalhando-se pelo interior do vasto continente, com suas variações “caipira” no Sudeste/Nordeste, saruê (“soirée”) no Brasil Central, “mana chica” (RJ), baile guasca (RS) e outras.



## GLOSSÁRIO

Muitos dos termos e comandos utilizados na quadrilha vem do francês. Vejamos alguns:

- **Alavantu** (“em avant tous”) – todos os casais para a frente
- **Anarriê** (“em arriére”) – todos os casais para trás
- **Changê** (“changer”/ “changez”) – trocar/troquem de par
- **Vis à vis** – cumprimento frente a frente
- **Otrefoá** (“autre fois”) – repetir o passo anterior

O ponto alto da quadrilha é o “Casamento na roça”, que inclui vários comandos e evoluções sincronizadas, para as quais os dançarinos e pares têm de estar atentos.

- **Caminho da festa:** os pares seguem atrás dos noivos, principiando-se a dança
- **O túnel:** os noivos elevam os braços para cima e, de mãos dadas, fazem o túnel ou abóboda por onde todos passam
- **Olha a chuva:** os casais dão meia volta, para que ninguém fique molhado
- **Olha a cobra:** as damas gritam e pulam no colo dos cavalheiros
- **Caracol:** de mãos dadas, todos fazem um percurso em espiral
- **A grande roda:** todos dão as mãos, formando um círculo (roda)
- **Coroa de rosas:** os cavalheiros, de mãos dadas, erguem os braços sobre a cabeça das damas, como se as coroassem
- **Baile geral:** os pares dançam no centro da roda. O grande baile está terminando.
- **Despedida:** todos se retiram do centro do salão, acompanhando os noivos

## AS FESTAS JUNINAS

Que, na verdade, se estendem ao longo de meses, até agosto - envolvem hoje grandes aparatos feéricos, espetáculos rítmico - musicais, altos negócios, empresas e empreendimentos especializados, senão milionários, nas áreas de encenações, gastronomia, tecnologia de shows, turismo, conjuntos musicais e cantores, em especial no Nordeste do País. Tornaram-se famosas as festas de Campina Grande, Caruaru etc. Plasmam elas, também em nosso Estado, lembranças tão fagueiras, tão mineiras, espalhando-se as comemorações juninas por todos os nossos rincões, desde fazendas e povoados até cidades de grande porte.

Rica mistura de culturas, com a reprodução de cores, sons, bailados, coreografias, a quadrilha inclui o sotaque francês em seu repertório, pois era uma dança comum na Corte e salões da alta nobreza europeia (ver box “Glossário”). Ganhou, contudo, a imensa simpatia popular. As roupas típicas, remendadas, são uma referência aos habitantes da zona rural, em tempos idos. A fogueira, outro importante símbolo dos festejos, é, segundo pesquisadores, de origem ou tradição pagã, marcando o solstício de verão no hemisfério norte. Uma antiga tradição cristã, por sua vez, informa que, quando do nascimento de São João Batista, sua mãe Isabel, para anunciar o nascimento do filho, mandou acender uma fogueira no alto da montanha na Judeia, prática que voltaria a ser retomada, de forma piedosa, na Idade Média. Daí o costume ou crença, ainda hoje, de se guardar resíduos da fogueira de São João (cinzas, gravetos), tidos como santificados, portadores de saúde e boa sorte. O aconchego, ao ar livre, céu estrelado, geralmente temperatura fria, ventosa, o calor humano misturado ao calor das labaredas da fogueira. O ritual do fogo, a comunhão da família, toda a aldeia, moradores e visitantes, em torno à fogueira, a comunidade que se encontra e se

encanta – forma de reconhecer, compartilhar, agradecer, honrar os antepassados, tradições milenares, de cunho ancestral religioso, repassadas de geração a geração.

As encenações, através de inúmeros grupos de dança, retratam as paisagens, a gente interiorana, suas memórias, costumes, a que se incorporam nossas riquíssimas tradições, dentre elas a gastronomia, com suas comidas e pratos típicos à base de milho, pinhão, cachaça, quentões, rapadura etc. Os pares e dançarinos vestidos com indumentária característica - chapéu de palha, roupa xadrez, vestidos de chita, honrando a sua gênese rural. Os instrumentos musicais utilizados são igualmente peculiares, como a sanfona (acordeão), triângulo (ferrinhos), zabumba, ganzá, cavaquinho, reco-reco, além da viola, violão. As músicas mais conhecidas e entoadas são Capelinha de Melão, Pula Fogueira, Cai Cai Balão. Época igualmente de variadas brincadeiras como pau de sebo, pescaria, fogos, balões.

Nossas instituições educacionais, em especial, deve(ria)m aproveitar eventos como os festejos juninos, com seu forte cunho folclórico-religioso, promovendo o conagraçamento familiar-social, revigorando tradições, despertando na criança - via brincadeiras, danças, folguedos - o encanto de nossa cultura, laivos da insondável alma festiva, mágica de nosso povo.

Festas juninas...Quadrilhas... Volta às nossas raízes ancestrais, o resgate da simplicidade, religiosidade pura, perdidas na memória a nos embarcarmos, nos embalarem no tempo – momentos de laços lúdicos, indelévels, milenares, ainda que por uma única noite, na vida que continua...

## CULINÁRIA TÍPICA JUNINA

Os pratos, pitéus juninos são peculiares, de grande atratividade, expressando a riquíssima culinária sertaneja. Merecem citação as guloseimas à base de milho (paçoca, canjica, curau, canjiquinha, buré, pipoca, angu doce, cuscuz, pamonha de milho verde, munguzá etc.), de mandioca servida frita ou cozida, caldos, pinhão cozido, espetinhos de carne. Doces os mais variados e apetitosos: de batata doce, abacaxi, amendoim, abóbora, cocada, laranja da terra, toranja, leite, cidra, pés de moleque, pudins, cremes, bons bocados, canudinhos, balas de coco quendy, rocambole etc.; Licores os mais diversos (de pitanga, jabuticaba, ameixa, figo, pequi, maracujá, tangerina, gabiroba, laranja, tamarindo, cajá) e bebidas, como o tradicional quentão ou cambicha (bebida típica preparada com cachaça ou vinho).

Em São Tiago, um dos pontos altos das Festas Juninas, no passado, eram os “bailes caipiras”, realizados nos clubes e dancings locais, dentre eles os dos srs. Alberto Luz Santiago (Beco), Joaquim Campos. Com o tempo, se rivalizaram/mesclaram com forró, com bailes coordenados pelo sr. José Almeida e filhos, sr. Vicente Ribeiro (Nhó) e também filhos. Na zona rural, em especial na Carapuça, Patrimônio eram comuns os bailes e encenações juninas. Ficaram famosas igualmente as “Trezenas de Santo Antônio”, aqui promovidas pelo sr. José Pereira Santiago (Zé Licota), que atraíam centenas de moradores e turistas. Sobre o sr. Zé Licota, ver matéria em nosso boletim nº 4 janeiro/2008.



“Muitas eram as fogueiras que Santo Antônio ganhava no dia 12. São Pedro, também, no dia 28, nunca faltando a de Seu Pedro Ferreira, lá no Rosário, e do Seu Pedro Chaves, na Fazenda do Coelho, onde faziam um festão, aumentando, se possível, a gagueira amável do anfitrião.

Mas a véspera de São João era só do seu xará luso. Uma carrada de lenha do maior comprimento que houvesse – até de cinco a seis metros – empilhada, como enorme pirâmide, ali à frente da casa comercial de Seu João (Fernandes). Era uma fogueira que valia muitas dezenas daquelas que Santo Antonio ganhava por toda banda. Tanto e tão alto era o luaréu, que a algumas léguas, ia o clarão. E o foguetório espancava o habitual silêncio que costumava encher as noites estreladas de junho a partir das 9 horas. E era povaréu, galhofeiro, barulhento, atraído pela festança, a dar vivas a São João e ao Seu João, enquanto os busca-pés saracoteavam entre a multidão, provocando correrias e gritos feminis, e os pipotes, colocados sobre caixões vazios, junto às portas fechadas da loja, iam distribuindo o fogo da alegria, do entusiasmo e da baderna com todos que quisessem beber” (Antonio de Lara Resende - “Memórias I – de Belo Vale ao Caraça”, pág. 300)

“Quadrilha de botas - Nas imediações da Restinga está a Fazendinha chamada Retiro do Jacu, onde, no decurso de 1914, assisti a um baile por ocasião do casório de Agripino.

De férias como estava, lá fui acompanhando o mano Quinzinho, padrinho, parece-me, da noiva. Por falta de sorte, esquecera ele em casa as botinas e teve que dançar de botas. E o mano que, nos seus quase oitenta e um anos, ainda espalha os pés bem direitinho (...) saracoteou a noite toda em valsas, polcas, quadrilhas e mazurcas. (...)

João Dâmaso, sanfoneiro cantador, sustentou a nota durante a noite inteira, acompanhado por violas e violões. Foi um daqueles bailes na roça que não podem terminar antes do amanhecer, dada a impossibilidade absoluta de haver cama para todos os convidados. Entre as cantilenas que encheram aquela noite silenciosa e fria do Retiro do Jacu, nunca me saiu esta do ouvido:

“Canta, canta, passarinho,  
De noite e foras de hora (sic)  
Que a barra do dia envem (sic)  
Coitado de quem namora!”

(Antonio de Lara Resende,  
op. cit., pág. 148)





# Cidade e Sustentabilidade

Recentemente, parte de uma ciclovia carioca, recém-inaugurada, edificada à beira mar, desabou. Uma obra para as Olimpíadas. Um vexame nacional. Causa principal: um erro técnico primário. O projeto não levou em consideração o impacto das ondas sobre a estrutura da passarela. Assim, dezenas de erros e sinistros em obras, especialmente as públicas que ficam por isso mesmo. Pesquisas demonstram que 40% das falhas em edificações têm origem na concepção dos projetos. Prejuízos assombrosos para os cofres públicos, mortes, mutilações. Ninguém é culpado, ninguém é condenado. Em nosso País, todos são santos...

A causa maior, todavia, é outra: a descarada promiscuidade de autoridades públicas com empreiteiras. Grandes propinas por detrás, gerando aditivos, estouros de orçamentos, a má qualidade dos serviços e do material empregado. Os interesses coletivos ficam em último plano. O total desrespeito para com o dinheiro público. Chega-se ao ponto do Estado transferir para a empresa contratada (que, para tal, via de regra, pagou propina), a responsabilidade de projetar e construir e pior, ao cúmulo da própria empreiteira redigir o edital de licitação, conforme escandalosas denúncias da Operação “Lavajato”.

Temos, na verdade, que proceder, não só a uma varredura nas relações espúrias entre políticos, altos executivos e empreiteiros desonestos que supervalorizam os custos das obras públicas e as entregam, muitas vezes, em frangalhos à população, bem como buscar um novo processo de planejamento e gestão viária, mormente a urbana. Há uma premente necessidade de reorientação e revisão no modelo de desenvolvimento de nossas cidades, ob-

jetivando um futuro sustentável. Os atuais instrumentos de planejamento, gestão e participação, seja oficial ou social, são sumamente falhos.

A nível municipal, tais instrumentos são berrantes. Apenas um terço (ou seja 1.690) dos municípios brasileiros realizam licenciamento ambiental em empreendimentos e atividades locais de impacto (ambiental); o Plano Diretor, imprescindível para orientar a política de desenvolvimento urbano municipal, só existe em 50% , ou seja em 2.786 dos municípios do País; apenas 20% (1.152 dos municípios brasileiros) têm bases cartográficas digitalizadas; já o sistema fundamental de informações geográficas, indispensável para uma gestão urbano ambiental eficiente é usufruído por apenas 10% (572 municípios); a agenda 21 local tão somente 22% (1152 municípios) a elaboraram até 2015. (Fonte: Pesquisa de Informações básicas municipais – Munic. 2015)

Como administrar sem esses instrumentos de planejamento e gestão ?! Onde estão, por outro lado, os projetos conjugados de segurança pública, infraestrutura, habitação, mobilidade, de planejamento de território(s) que são um dever intransferível do Estado?!

O desafio é um só: tornar as cidades e assentamentos humanos, inclusivos, seguros, resilientes, sustentáveis, dignos. Interesses e valores coletivos em primeiro lugar. Autoridades, em especial prefeitos e vereadores, devem estar cientes e duramente responsabilizados pelas graves omissões, comodismos, eventuais mancomunicações com empreiteiros desonestos. Daí ser imprescindível a atuação do cidadão. Vivemos aquilo que o filósofo Karl Popper chama de “sociedade aberta”. Devemos e temos a obrigação de questionar os governos fracos, indiferentes à vida e aos problemas que afetam cotidianamente o cidadão comum. O fortalecimento do cidadão é garantia de sua autonomia cívica, educacional, de trabalho e democracia. Parafusos soltos, gestores alienados não servem à construção das sociedades modernas.

# Voto e Democracia

O voto é um elemento substancial da democracia, a expressão maior do cidadão, mormente em ano ou período eleitoral. Afinal, estamos entregando/delegando a terceiros o comando e a representação de nossa comunidade, de nosso Estado, nossa Nação. A palavra “democracia” foi criada pelos antigos gregos e que significa o “governo do povo”, ou seja, a participação popular e indistinta nos destinos de nossas cidades, nosso País.

Aos nossos representantes – eleitos pelo sufrágio popular – cabe o exercício da probidade, da competência, eficiência, a responsabilidade da correta gestão pública, a busca de melhores condições de vida, progresso e dignidade para todos os cidadãos. A administração íntegra dos bens públicos, que são frutos de pesados impostos pagos pela população, o primado da ética, o crescimento da economia, a prosperidade das empresas e famílias, a geração de empregos, oportunidades de acesso ao trabalho, à saúde, educação, segurança, saneamento, moradia, cultura, tecnologia, lazer e meio ambiente sustentável.

O voto é um direito cívico, mas igualmente um dever – e dos mais significativos. Cabe ao eleitor, ao cidadão, verificar a vida e a postura dos candidatos, acompanhar o desempenho dos eleitos e empossados, seus acertos e erros. Se são honrados na vida social e no exercício dos mandatos, se são democratas, ou seja, se são tolerantes, tratáveis, justos, se sabem acolher críticas, se são aptos ao diálogo, se respeitam ideias diferentes, se são realizadores, progressistas, competentes, idôneos e inovadores em suas gestões.

O eleitor, para tal e igualmente, deve ser e estar bem informado, vigilante, acompanhar a trajetória e o trabalho de seus (nossos) representantes, pois a democracia exige o exercício da liberdade, a participação, o esforço de todos os cidadãos e instituições sociais, o compartilhamento de ideias e projetos em prol do bem comum, da atual e futuras gerações.

Democracia, afinal, não é coisa só de políticos, muitos deles envolvidos com maracutaias, cuidando de seus interesses próprios ou de quem os financiou (empresas) geralmente escusos. Democracia é assunto de nosso dia-a-dia, do interesse e trabalho conjunto de toda a sociedade, de forma que sejam tomadas as melhores decisões, a melhoria do nível e qualidade da participação popular. Assim, acompanharmos todos os assuntos ligados à vida cotidiana e comunitária: projetos de leis, orçamento, planos de metas, temas como coleta de lixo, urbanização, loteamentos, gastos dos poderes (executivo/legislativo), apoio às entidades assistenciais, deficiências nas áreas de saúde, educação etc.

**Criticar pelas esquinas, nada resolve. É preciso AÇÃO, PARTICIPAÇÃO!**



## Farmacopeia caseira antiga



Em tempos idos, a farmacopeia e seus remédios eram, via de regra, à base de ervas, fitoterápicos e extratos minerais. Um terror para os pacientes, em particular, as crianças.

Contra a verminose, tomavam-se cápsulas com óleo de santa-maria (quenopódio) em jejum e, após meia hora, um purgante de sal de Glauber (sulfato de sódio). Também doses de ruibarbo, sementes de abóbora torradas, eram empregadas contra os vermes intestinais. Indisposições gástricas eram tratadas com repouso, tomando-se em jejum, chá de fedegoso, maneturé ou losna ao longo do dia. Para furunculose, a terapia era mais dura, à base de sal amargo (sulfato de magnésio), leite e alho, ingeridos pela manhã, em jejum!

Antonio de Lara Resende em suas “Memórias I – de Belo Vale ao Caraça” faz referências a alguns remédios, procedimentos e aplicativos de sua época:

“Para curativos como aquele era tintura de iodo em quantidade sobre a ferida, faixas de morim velho, o mais usado possível, passado a ferro quente ou embebido em álcool iodado” pág. 128/129

(...) colecionei todos os prêmios, exceto os do final do ano, por ter sido forçado a iniciar minhas férias um mês antes, a critério do médico Dr. F. Veloso, que não conseguiu melhorar meu estado de saúde com Grão da dita e xarope de Easton” pág. 431.

“Cada vez que procurava nosso médico, Dr. Francisco Veloso, que ia de Ouro Preto ao Caraça todo mês, saía com uma receita figurando, primo loco, uma caixa de Pílulas Grão de Saúde e um vidro de xarope de Easton” pág. 444.

“Calamidade que me fazia maior mal do que a prisão de ventre tratada com Pílulas Grão de Saúde” pág. 445.

“(…) o bom do Dr. Veloso não conseguia mitigar com seus xaropes, pílulas e poções” pág. 452.

“Só ela havia de levar-lhe o copo de leite ou o copo d’água com a caixa de bicarbonato Carlo Elba, donde ele tirava boa colherada e sorvia algumas vezes ao dia para, em seguida, ribombar em aliviadora eructação” pág. 379.

O compositor Gervásio Horta compôs “Eu sou do tempo quando a bronquite aparecia, o remédio era o Rhum Creosotado”.

# A AUDIÊNCIA



O Dr. Tancredo Neves governava então o Estado de Minas Gerais. Natural de São João del-Rei, era ele personalidade muito ligada à nossa cidade, aqui sempre votado maciçamente, em todas as eleições de que participara, além do largo círculo de amizades grandeadas, ao longo de décadas, em nosso meio. Tancredo era ainda “afilhado”, herdeiro político do Dr. Augusto Viegas, nosso ilustre conterrâneo e que deputado durante várias legislaturas, representando a região e Estado, passara o cetro para Tancredo.

Uma audiência é marcada junto à Assessoria do Governador. Isso aí por volta de 1983<sup>(1)</sup>. Um grupo de autoridades são-tiaguenses desloca-se até Belo Horizonte. Iriam elas tratar de assuntos de máximo interesse comunitário. Hospital, Colégio, obras sociais, estradas seriam temas básicos da audiência programada para as 10 horas da manhã. Mons. Elói e Vicente Mendes capitaneavam a valorosa equipe. Nosso abnegado pároco, sobremaneira preocupado, pois tinha compromissos pastorais inadiáveis à noite em São Tiago. Saem pela madrugada, um penoso trecho de terra até a Fernão Dias e dali até a Capital. Sebastião Maurílio (Zito), Blair Vieira e Pasqualinho Sampaio completam o quadro. Guido Reis, prefeito municipal, que já se encontrava em Belo Horizonte, lá junta-se à turma.

Horário marcado, já devidamente credenciados, estão no saguão do Palácio, à espera de serem chamados, encaminhados à sala de audiências. Vicente - com o seu impecável terno cinza, o paletó por vezes apenso nos braços, um peculiar hábito seu - aproveita a oportunidade para cumprimentar e se confraternizar com D<sup>a</sup> Antônia, a célebre e mítica secretária de Tancredo, igualmente sua amiga pessoal e para a qual tinha levado um mimo especial: quitandas, queijos e doces típicos de São Tiago. Mons. Elói envergando sua batina de gala, boina cor de oliva, o peito recheado de medalhas e comendas na sua condição de oficial do Exército, capelão militar e ex combatente da 2<sup>a</sup> Guerra Mundial. Os demais revestidos de ternos, talhes primorosos aqui confeccionados pelos habilidosos alfaiates são-tiaguenses, os irmãos Abel e José Augusto Resende. Acomodam-se nas poltronas. Corredores cheios, gente engravatada, mulheres empavonadas, todos aguardando o momento da audiência. Os minutos, as horas passam. – Houve sérios imprevistos, esclarece D<sup>a</sup> Antonia. Peço-lhes paciência e que aguardem um pouco mais... Sala cada vez mais congestionada de pessoas, gente decerto com interesses maiores, caravanas interioranas sempre com o pires na mão, batendo às portas do Estado para serem atendidas, porquanto o Estado clientelista, absolutista, feudal transformara, de há muito, o cidadão, o povo e municípios em pedintes...

Não poderiam sair dali, sequer para almoçar, tantos restaurantes ali pelas redondezas, dentre o Xodó, pertencente à família Vivas, gente de São Tiago. Perderiam a vaga, sem dúvida. Apenas uma água, um suco ali servidos por funcionários do Palácio. Mons. Elói se impaciente: tinha uma missa a ser celebrada à noite em São Tiago, em memória do sr. Morel<sup>(2)</sup>. Percebendo que as horas corriam, sem perspectivas de atendimento a curto ou médio prazos, num repente, abandona a sala de espera, desliga-se da comitiva, indo até a rodoviária, onde embarca de retorno a São Tiago, a fim de celebrar a missa. Questão de honra e fidelidade ao seu rebanho. Enfim, lá pelas cinco da tarde são recebidos – Dez minutos, sem delongas, informa senhorial, inquisitorial, D<sup>a</sup> Antonia.

Vicente, que, como vimos, estava com o habitual terno cinza, paletó dependurado no braço, se recompõe, ajeita a gravata. A alegria em reencontrar o velho amigo Tancredo, correligionário político de tantas décadas, agora no comando do Estado. Adentram, cumprimentam-se efusivamente. São convidados a sentar. Lá se vão mais alguns preciosos minutos. Começam os salamaleques: – Governador, seu quarto está arrumadinho lá em casa, aguardando sua honrosa visita de sempre, informa Vicente. Prosseguem em amenidades, sorrisos. Mons. Elói deixara com Vicente um calhamaço, uma penca de pedidos e reivindicações. Guido, na condição de prefeito, idem. Quando começam a desfiar o rosário de rogos, entra D<sup>a</sup> Antonia, austera, cerimoniosa: - Audiência encerrada. Ante os olhares atônitos dos são-tiaguenses, a senhora esclarece: - Já se passaram os dez minutos. E há ainda dezenas de pessoas e autoridades aí fora aguardadas aguardando o momento de serem atendidos pelo sr. Governador. Queiram, por gentileza, proceder às devidas despedidas e se considerarem liberados.

Não tiveram outra saída, senão deixarem o rolo de folhas, rol de “choros” ou seja pedidos de interesse de nossa comunidade junto ao Governador. Provavelmente não atendidos ou quem sabe, até nós teriam chegado no máximo, alguns “trocados”, migalhas de sempre...

(1) Audiência de políticos de São Tiago com o Governador Tancredo Neves - Assunto tratado pelo jornal “Informativo Santiaguense”, ed. Abril/1983.

(2) Joaquim Morel Vivas, prestimoso cidadão e líder político de nossa terra. Nascimento: 29/12/1917 e Falecimento: 25/12/1980.

# TURIPIRAS

Vai já muito longe no tempo, um garoto resolveu fabricar refresco para vender aos turipiras, digo, aos turistas caipiras que chegavam ao seu arraial para os festejos em homenagem ao santo padroeiro da terrinha.

O refresco consistia em água, naturalmente, essência de abacaxi ou banana e muito açúcar. Gelo? Bem, naquela época ninguém ali possuía geladeira, balcão frigorífico ou coisa semelhante.

Da última vez que o produto apareceu na praça, a lata (daquelas que vinham com balas ou bolachas) colocada no chão de terra da rua principal esvaziou-se com rapidez. Assim, o menino foi correndo comprar mais essência, que além do gosto dava uma coloração diferente à água. Mas a farmácia estava fechada, o que foi motivo de desolação. Não era possível perder uma oportunidade daquela!

Gosto, o próprio açúcar já dava ao líquido; faltava a cor. Aí o menino olhou para a prateleira da cozinha da sua casa e uma vela acendeu-se na imaginação.

Naquela época usava-se forrar as tábuas com papéis coloridos, com bordas repicadas numa imitação pobre de rendas. Algumas gotas d'água desbotavam aquele enfeite, mostrando que o papel soltava tinta. Logo... logo mais uma lata de refresco estava prontinha e com uma cor muito bonita, enquanto a prateleira passava a mostrar desnuda e acanhada velha armação encardida.

Lá a rua era um prazer observar a satisfação com que os jovens da roça tomavam o refresco. Chapéu erguido ao

alto da testa, calças de brim deixando ver as gomas da botina, uma mão na cintura e outra erguendo victoriosamente o copo, enquanto campeava com os olhos, para sentir quais as moças que notavam nele o endinheirado elegante e gastador.

Lógico que o negócio rendeu certo lucro. Mas rendeu também enorme bronca dos pais e uma severa lição de moral acompanhada de enérgicos exercícios de vai-vem nas orelhas.

Interessante notar que a arrogância matuta dos fregueses não feria. E não feria porque estavam pagando muito bem por uma água doce colorida com tinta de papel velho.

É... Hoje, vendo tanta quinquilharia inútil "importada", tanto "refrigerante" percebo que mudam-se os trajes, a linguagem, os costumes, mas permanecem as práticas. Entre os homens, entre as Nações. Sem nenhum puxão de orelhas, naturalmente!

*Efraim Antonio de Marcos  
(Extraído do Livro VIAGENS – págs. 116 e 117)*



Um relacionamento saudável se realiza na brincadeira, na espontaneidade, em que as pessoas envolvidas ganham em alegria, intimidade, prazer, paz, cumplicidade, confiança mútua, sensação de bem estar.

Bom estarmos com pessoas que nos fazem sentir bem, com quem nos sintonizamos, nos preenchem, nos nutrem, deixam no ar um quê de mistério, um rastro de fascínio...

O contrário é o das relações onde há hostilidade, dominação, sofrimento, manipulação, interesses, mesquinhas...

Pessoas que amam são extremamente cuidadosas com as palavras, ações, abstendo-se quanto à geração de eventuais feridas no outro. Jamais desejam o sofrimento alheio. São delicadas, suscetíveis e inclinadas ao bem, zelosas "apalpadoras" do caminho do outro.

Relações motivadoras trazem benefícios tanto para a saúde física como para a mente, o espírito. Relações que cativam, fascinam, liberando dopamina, todo o organismo e nosso ser funcionam bem, o coração se fortalece, e desta forma, envolvemo-nos em uma aura de humor, de autoestima, identidade, afirmação pessoal.

*(Excertos de uma entrevista na TV do psicólogo Antonio Roberto sobre o nível das relações)*